

Caneta da Reescrita

Oficina de História

Professor: Tiago Lessa

Oficina Caneta da Reescrita:

Trabalhando conceitos e construindo conhecimento histórico nas aulas inaugurais de História

Caneta da Reescrita da História:

Está na sua mão!



© Can Stock Photo

- *Mude o ponto de vista!*
- *Altere o sujeito da frase!*
- *Troque palavras por sinônimos!*
- *Substitua os verbos!*



PROFHISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL
EM ENSINO DE HISTÓRIA

Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Ensino de História - PPGEH

TIAGO LESSA BASTOS AZEREDO

*Oficina Caneta da Reescrita:
Trabalhando conceitos e construindo conhecimento
histórico nas aulas inaugurais de História*

Produto da dissertação de mestrado apresentado ao Programa de
Pós-graduação em Ensino de História do Instituto de História da
UFRJ

RIO DE JANEIRO

2018

SUMÁRIO

Introdução.....	4
Apresentação da Oficina.....	7
Exemplos de atividades aplicadas	11
Exemplo de um plano de aula para aplicação da Oficina Caneta da Reescrita.....	18
Exemplo de material de apoio para aula expositiva.....	20

INTRODUÇÃO

Prezado(a)s colegas-professore(a)s de História,

Essa oficina foi construída e aplicada para ser um produto final do mestrado profissionalizante em Ensino de História (ProfHistória). Entretanto, sua idealização e desenvolvimento ocorreram nas minhas experiências em sala de aula e, sobretudo, graças ao contato com diversos professores de História nas escolas que trabalhei e também nas pós-graduações do Colégio Pedro II e da UFRJ. Tanto o contato pessoal e prático quanto a teoria acadêmica me despertaram o interesse em criar uma dinâmica voltada para as aulas inaugurais de História que procurasse enfrentar alguns dos grandes desafios do Ensino de História.

Desafios esses que Flavia Caimi no artigo “*Por que os alunos (não) aprendem História?*¹” traz a tona em forma de questões que permeiam as discussões sobre o ensino/aprendizagem da História. As indagações trazidas pela autora, tais como: *Quais são os saberes necessários à docência da História escolar? Quais os limites da chamada “História tradicional” para atender às atuais demandas do ensino-aprendizagem da História? De que maneira os alunos constroem os conhecimentos históricos, os conceitos, as noções espaço-temporais? Que caminhos e alternativas são viáveis, atualmente, na formação do professor de História?* São também algumas das questões que motivaram a elaboração dessa Oficina. Não caberá aqui desenvolver o debate teórico que todos esses desafios do Ensino de História demandam, mas, tentarei brevemente compartilhar algumas reflexões que estão diretamente envolvidas com os objetivos da *Oficina Caneta da Reescrita*.

A realidade do mercado escolar ao mesmo tempo em que isola o professor enfatiza a sua inserção num sistema muito mais burocrático e menos autônomo do que prevê uma educação humanista. Ou seja, a estrutura do sistema de ensino se inseriu de tal forma na conjuntura do “neotecnismo”² dos tempos neoliberais, que até mesmo

¹ CAIMI, F. *Por que os alunos (não) aprendem História?* RJ, Revista Tempo, n. 21, 2006. P.18/19.

² Segundo Freitas, neotecnismo é o processo cuja principal finalidade do novo modelo de ensino está na implantação de uma nova gestão tecnológica e bastante produtivista. Observa-se então todo um reordenamento do processo educativo de maneira a torná-lo objetivo e operacional, voltado para testes padronizados e grande controle sobre a força de trabalho. Disponível em: <<https://avaliacaoeducacional.com/2016/08/26/tecnismo-ele-esta-de-volta/>>. Acesso em: 03 mar. 2017.

um intelectual do ensino, como um professor de História, por mais contraditório³ que possa parecer, pode ser vítima do industrialismo e estar em estado de alienação.

Dessa forma é comum estarmos condicionados a ser uma espécie de reproduutor do conhecimento ou mero transmissor de conteúdos. Assim, dificilmente o professor consegue adaptar o ensino às necessidades de aprendizado dos alunos. Sistemas de ensino que não permitem criar um ambiente propício à construção da autonomia docente e discente, geralmente limitam o estudo da História a prática de decorar uma suposta História factual, única e “verdadeira”.

De que forma essa que é também conhecida como “História oficial” limita a aprendizagem da História? A *Oficina Caneta da Reescrita* visa problematizar essa “História oficial”, partindo do princípio que por muitos anos ela monopolizou as produções didáticas e orientou as aulas expositivas, porém, sendo propositalmente manipulada em prol dos interesses dos grupos que dominavam o Estado.

Outro objetivo da Oficina é fazer prévios e breves diagnósticos das “consciências históricas” dos alunos e, diante desses, adaptar o conteúdo programático aos necessários ensinamentos para construção de conhecimento histórico científico. Entendemos, portanto, que a sala de aula é um espaço apropriado para que os professores possam trabalhar conceitos importantes para conscientização dos alunos que, a posteriori, serão necessários na atuação deles na sociedade. Entretanto, diante de um contexto das chamadas “pós-verdades”, “Fake News” e “Fake History”, de que maneira o Ensino de História pode trazer para a sala de aula as mais variadas (e influenciadas) consciências histórica e, num eficiente processo de ensino-aprendizagem, torna-las conhecimentos histórico?

Constantemente convivemos com uma enxurrada de “teses” e opiniões formadas sobre fenômenos complexos do mundo contemporâneo sem que, evidentemente, tenha tido um tempo hábil para uma rígida investigação e o necessário distanciamento. Uma considerável parte da sociedade ativa nas redes sociais, por exemplo, se habituou a compartilhar informações que tampouco possuem fontes confiáveis. Por outro lado, editoriais da chamada grande mídia, cujo maior alcance a proporcionou razoável credibilidade e poder, em diversos momentos, se transveste de suposta imparcialidade e

³ O caráter contraditório consiste na atuação dos professores de História e sua paradoxal situação: ao mesmo tempo em que teve uma formação que o leva a ter consciência teórica sobre a sua inserção como sujeito vítima do sistema de ensino fabril, é, por essência, como educador, um potencial transformador dessa realidade.

opera deliberadamente com narrativas que colaborem com seus interesses políticos e econômicos.

Entretanto, em tempos atuais, referidos como “Era da pós-verdade”⁴, parece estar em curso uma destituição dos lugares legitimados de mediação, o que também caracteriza uma fragilização do regime democrático. Afinal, ao negarem verdades científicas, ou seja recusarem as teorias que foram elaboradas e verificadas de acordo com métodos científicos, estão abrindo um perigoso espaço para que, por exemplo, crenças fundamentalistas e/ou valores autoritários se propaguem.

Na contramão desse movimento está a *Oficina Caneta da Rescrita*. Pode parecer utópico imaginar que diante de uma realidade tão ostensiva ao aprendizado da História, possam existir práticas que contemplam uma experiência pedagógica que articule estratégias para trabalhar com os alunos os procedimentos para a produção do conhecimento histórico e, ainda, consiga propiciar um ambiente no qual os educando assumam-se como sujeitos construtores do próprio aprendizado. Entretanto, saindo do campo da imaginação teórica e viabilizando uma prática pedagógica, a *Oficina Caneta da Rescrita* pretende mostrar ser uma simples dinâmica que abre grandes possibilidades de abordar alguns desses complexos problemas que desafiam a área do Ensino de História.

Nesse documento você encontrará orientações para aplicação da Oficina. Espero que os exemplos aqui comentados sirvam de inspiração para as aulas inaugurais de seus futuros cursos.

Um fraterno abraço do colega,



⁴ Segundo Oxford Dictionaries, departamento da universidade de Oxford que elegeu “pós-verdade” (“post-truth”) com a palavra do ano de 2016, pós-verdade é um substantivo “que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em: 01/11/18

APRESENTAÇÃO DA OFICINA

A inspiração para montar a *Oficina Caneta da Reescrita* veio na observação das guerras de narrativas e disputas ideológicas presentes nas discussões virtuais. Mais especificamente na atuação de duas “canetas” que vêm duelando e atraindo seguidores nas redes sociais, a “caneta desmanipuladora”⁵ e a “caneta desesquerdizadora”⁶.

Ambos os grupos que administram as publicações dessas “canetas” têm a mesma dinâmica de atuação: reescrever, por exemplo, manchetes dos jornais da grande mídia, alterando palavras chaves que explicitem outra visão sobre o fato mencionado. A primeira das canetas criada foi a “desmanipuladora”, que por apresentar um posicionamento político considerado de esquerda, gerou a criação da sua opositora, a “caneta desesquerdizadora”, conforme podemos conferir nos exemplos a seguir:



Figura 1: Exemplo de atuação da Caneta Desmanipuladora⁷

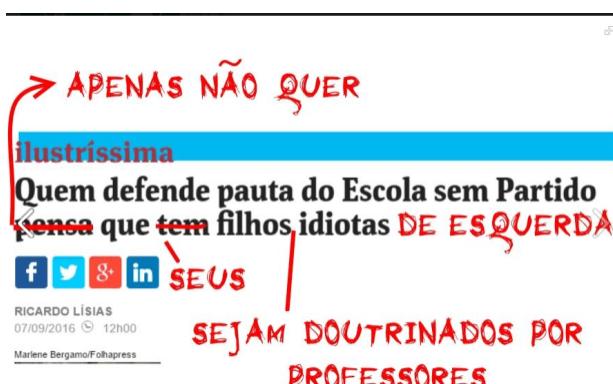


Figura 2: Exemplo de atuação da Caneta Desesquerdizadora⁸

⁵ Disponível em: <<https://www.facebook.com/canetadesmanipuladora/photos/a.245804172452703.1073741828.245795719120215/279562565743530/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

⁶ Disponível em: <<https://www.facebook.com/desesquerdizada/>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

⁷ www.facebook.com/canetadesmanipuladora/photos/a.245804172452703.1073741828.245795719120215/279562565743530/?type=3&theater. Acesso em: 26 mai. 2017

Mediante esses exemplos inspiradores e a conjuntura de desafios do Ensino de História descrita anteriormente, foi elaborada a *Oficina Caneta da Reescrita* que possuí 3 etapas de aplicação que serão apresentadas a seguir. A proposta central, que faz jus ao nome da oficina e à inspiração mencionada, é incentivar os alunos à rescreverem os títulos e subtítulos relacionados aos conteúdos que irão ser estudados no início dos bimestres (ou trimestres) do curso de História. Tais títulos podem ser enunciados retirados dos seus orientadores curriculares, como por exemplo, o índice do livro didático, ou frases intencionalmente construídas pelo professor. Trata-se, portanto, de uma sugestão de atividade extremamente versátil que pode adequadamente ser aplicada em todos os cursos de História do Ensino Fundamental II ao pré-vestibular.

Etapa I: Aula expositiva da Oficina Caneta da Reescrita

Esta “aula”, na verdade, consiste em uma breve sensibilização dos alunos para a participação deles na Oficina. Para tanto, antes de expor a proposta da dinâmica da reescrita, pode ser projetada uma série de slides (algumas sugestões se encontram nas páginas finais deste documento) que através de um “problema” inicial motivador, visa desencadear um processo de aprendizagem. Sendo assim, problematiza-se a construção da “História única” e sua aceitação enquanto História oficial fornecedora de fatos verdadeiros.

Entre o material usado para disparar essa problematização, pode estar o seguinte trecho do discurso da escritora nigeriana Chimamanda Adichie:⁹

É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo. É a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro". Assim como em nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.

⁸ Disponível em:
<<https://www.facebook.com/canetedesquerdizadora/photos/a.260350511015560.1073741828.260346504349294/286901638360447/?type=3&theater>>. Acesso em: 26 mai. 2017.

⁹ Disponível em:
https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngazi_adichie_we_should_all_be_feminists?language=pt-br
Acesso: 01/11/2018.

A partir daí, de forma dialógica, pode ser iniciado um breve debate onde as seguintes questões desafiadoras podem ser colocadas: Se a “História única” é uma invenção perigosa por ser contatada a partir do ponto de vista dos grupos vencedores e dominantes, de que forma poderíamos reapresentá-la, explicitando as mais variadas versões e interesses de grupos distintos? Como poderemos reescrever o índice do nosso livro didático, manipulando conceitos e verbos, de modo que explice outra versão ou protagonismo do fato histórico?

Assim, os slides seguintes podem apresentar a proposta da dinâmica envolvendo a caneta da reescrita, exemplificando-a com algumas atuações das canetas *desmanipuladora* e *deserquerdizadora*. Em seguida, cabe ao professor dividir a turma em alguns grupos, cada grupo recebe uma ficha com os enunciados elaborados (ou copiados do livro didático/orientador curricular) e as seguintes sugestão de ações são solicitadas: “Mude o ponto de vista!”; “Altere o sujeito da frase!”; “Troque palavras por sinônimos!”; “Substitua os verbos!”.

Portanto, em nenhum momento dessa etapa inicial, é introduzido algum conteúdo específico do programa curricular do bimestre/trimestre. O foco da aplicação dessa oficina está na introdução aos estudos históricos; estimula a produção de ideias ou questionamentos autorais dos alunos e reflexões do uso de conceitos na reconstrução e apropriação da História. Assim, o contato com os conteúdos curriculares só existiram na leitura da ficha com os enunciados que os apresentavam.

Em síntese, nesse momento inicial essa “aula problematização” pode ser destinada a relativização da “História oficial”. Entretanto, vale ressaltar que nessa etapa inicial da Oficina, a relativização das versões da História se fazem interessantes para que venham à tona representações das múltiplas consciências históricas ali reunidas. Já em etapas posteriores e, sobretudo, nas aulas preparadas com base no material gerado pela oficina, tal relativização pode ser orientada para os embates científicos, principalmente, através da contextualização dos fatos históricos e apresentação adequada dos conceitos que os envolvem.

Etapa 2: Atividade dos grupos.

Após serem motivados e convidados a intervirem na apresentação dos conteúdos enquanto sujeitos construtores da História, os alunos são agrupados. Cada grupo recebe, além da ficha contendo os enunciados típicos dos conteúdos que serão ministrados, uma “caneta da reescrita”, de preferência, uma caneta de cor vermelha.

A partir daí, os grupos debatem os termos e conceitos dos enunciados, pensando em outras formas possíveis de apresentá-los. Nessa reescrita, os alunos podem, entre diversas ações, modificar os sentidos e as autorias dos pontos de vista de forma “corretiva” ou até “provocativa”. Para garantir a eles maior liberdade de atuação, não é solicitada a identificação deles na ficha, portanto, todas as intervenções são realizadas de forma anônima.

Após cerca de 30 a 40 minutos dessa etapa de dinâmica, os grupos geram um material com muitos enunciados reescritos. Esse material produzido é recolhido para que o professor selecione alguns enunciados e realize uma breve socialização de algumas intervenções, criando um pequeno debate. Assim, os alunos podem comentar sobre as ideias contidas nas mudanças realizadas, identificando os novos sujeitos do fato mencionado ou destacando a valorização de outra concepção do fato.

Dessa forma, o(a) professor(a) já pode começar a verificar a compreensão que os alunos têm de determinados conceitos e as consciências históricas deles relacionada a cada um dos conteúdos trabalhados. Ainda que os docentes podem, em momentos pontuais, contribuir para o debate fazendo os seus comentários de forma dialógica, não é o objetivo desta etapa, trazer soluções explicativas para todas as intervenções polêmicas ou os esclarecimentos em relação aos contextos históricos que só serão trabalhados ao longo das futuras aulas.

Cabe, portanto, nesta etapa apenas uma espécie de introdução reflexiva ao conteúdo e, posteriormente, cabe evidentemente uma análise mais profunda do material produzido que proporcionará, no momento exato de trabalhar cada um dos conteúdos, uma devolutiva mais específica para cada turma que dialogue com as peculiaridades de cada intervenção.

Etapa III: Análise do material produzido e sugestões de abordagens

Essa etapa envolve a preparação das futuras aulas e, portanto, faz parte exclusivamente do trabalho do docente responsável pelo curso. Todas as fichas recolhidas devem ser analisadas, de forma que algumas ideias contidas nas intervenções poderão servir para a edição do programa curricular ou para possíveis recortes, ênfases ou explicações de determinados conceitos na continuidade do curso.

Certamente, os professores de História sentirão a necessidade de ressaltar a importância do olhar para as fontes históricas que sustentam diferentes versões da

História, assim como, a importância da fundamentação teórica relacionada ao uso de alguns conceitos.

Apresentarei a seguir algumas possibilidades de análises, comentários e sugestões para abordagens relacionadas às determinadas intervenções de experiências variadas da Oficina Caneta da Reescrita que vivenciei recentemente.

EXEMPLOS DE ATIVIDADES APLICADAS

Exemplo 1: Oficina realizada em uma escola particular, no 7º ano do Ensino Fundamental II.

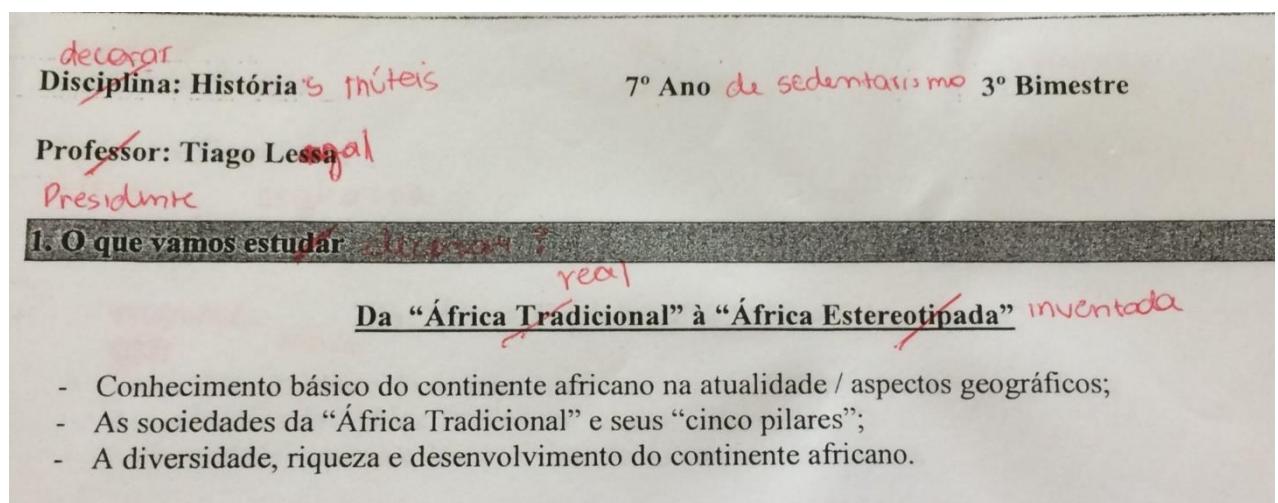


Figura 3: Exemplo de reescrita I

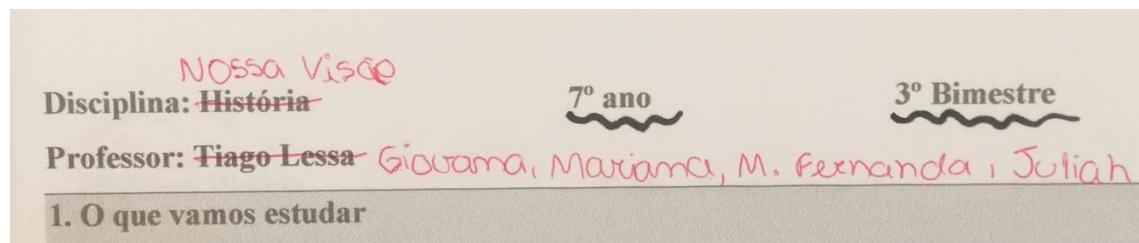


Figura 4: Exemplo de reescrita II

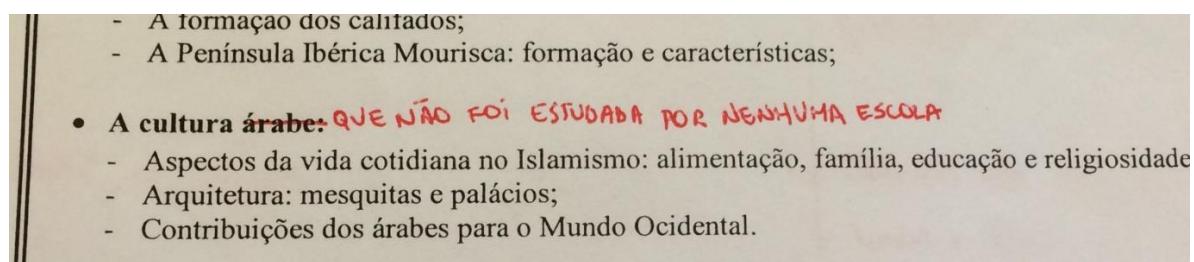


Figura 5: Exemplo de reescrita III

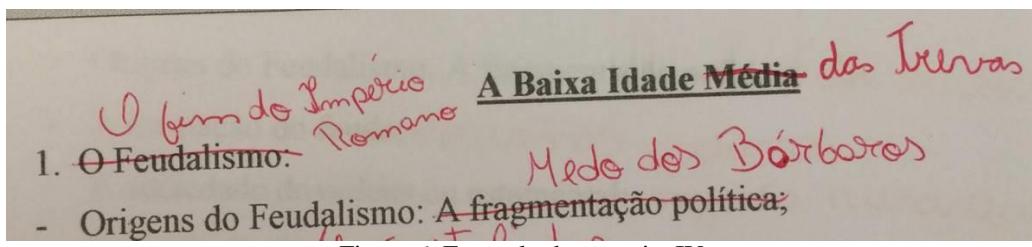


Figura 6: Exemplo de reescrita IV

Observações:

Mesmo em séries iniciais, cujos alunos geralmente são muito novos e imaturos, a proposta da Oficina como uma aula inaugural é válida. Na figura 3, por exemplo, as intervenções no cabeçalho também são interessantes e podem gerar bons debates iniciais. Ao invés de investir nas alterações nos conteúdos, os alunos foram provocativos nas suas intervenções e geraram questionamentos em relação aos métodos de aprendizagem (“decorar”), da relevância do conteúdo (“Histórias inúteis”) e na função ou “status” do professor (“presidente”). Todos esses debates são apropriados e ricos para o início de um curso de História.

Já na figura 4 as intervenções no cabeçalho demonstraram que os integrantes dos grupos captaram um dos objetivos da oficina. O protagonismo da dinâmica realmente não é do professor e sim dos integrantes que corretamente colocaram os seus nomes e, ainda, alteraram “História” para “nossa visão”, mostrando que estavam aptas a serem sujeitos construtores da História.

Na figura 5 os integrantes do grupo demonstraram claramente que o conteúdo que seria trabalhado não está muito bem desenvolvido nas suas respectivas consciências. Realmente nem todas as escolas estudam a cultura árabe e, muitos outros, portanto, tendem a manifestar esse conteúdo de forma preconceituosa.

Na figura 6 nota-se intervenções no conteúdo que trazem construções comuns, porém equivocadas, de consciência histórica. A substituição da Idade Média por “Idade das Trevas”, por exemplo, ou o uso do conceito “bárbaros” como referência aos povos germânicos.

Exemplo II: Oficina realizada em uma escola pública, no 1º ano do Ensino Médio.

produtos
Os *índios* que Viviam na América e os ~~Escravos Africanos~~ que Vieram para o Brasil.
a mercadoria negra *foi importada*

Figura 7: Exemplo de reescrita V

Os índios que Viviam na América e os Escravos Africanos que Vieram para o Brasil.
↳ *com motivos de*
↳ *foram trazidos*
 a força
foram escravizados

Figura 8: Exemplo de reescrita VI

*Tupis, Guaranis, Matipus, Waiãpis, Awarás,
Tobajaras, Kayapós, Oiapicis, Guajajaras, etc...*

|
Os *índios* que Viviam na América e os *Escravos Africanos* que Vieram para o Brasil.

Figura 9: Exemplo de reescrita VII

Os índios que Viviam na América e os Escravos Africanos que Vieram para o Brasil.

Figura 10: Exemplo de reescrita VIII

Observações:

No Ensino Médio cabem reflexões mais profundas e, portanto, na ficha preparada especificamente para essa oficina foram criados expressões ou termos (presentes em livros didáticos ou no senso comum) que provocariam determinadas intervenções.

Tzvetan Todorov ao descrever a conduta inicial de Cristóvão Colombo no Caribe, destacou sua enorme dedicação em “batizar” pessoas e lugares, quase sempre, dando-lhes nomes cristãos. O navegador evangelizador mal entendia onde estava (presumia estar nas Índias e tinha certeza que estava num continente) e, tampouco, se preocupava em entender o dialeto local. No entanto, fazia questão de afirmar o seu poder repetindo inúmeras vezes o nome que inventava¹⁰.

Portanto, tendo em vista essa ideia de que nomear foi uma demonstração de poder explicita no processo de colonização, neste enunciado foi planejado confronta-los com nomenclaturas eurocêntricas. A expectativa era que os alunos pudessem sugerir alterações para os termos “índios”, “América”, “Escravos africanos” e “Brasil”.

Em relação aos termos “América” e “Brasil” em nenhuma das intervenções realizadas foram alterados de modo que fosse contestado de alguma maneira o caráter eurocêntrico deles. No primeiro, evidentemente trata-se de um caso menos conhecido o fato do batismo ter se inspirado no navegador Américo Vespúcio que ajudou no mapeamento do continente. Já o outro termo, Brasil, outras possíveis nomeações como Pindorama, conforme era referido pelos tupis-guaranis, ou até mesmo invenções autorais mais contemporâneas poderiam ter sido experimentadas, mas, aparentemente todos demonstraram estar confortáveis, adaptados ou identificados com o batismo de seu país.

Por outro lado, os termos “índios” ou “escravos africanos” sofreram muitas intervenções. No caso do primeiro, a intervenção do grupo exposta na figura 9 demonstra um conhecimento específico do nome de diversas sociedades nativas. O outro grupo exemplificado que mexeu nesse termo foi o representado na figura 7, nesta percebemos uma interessante alteração para “produto” que condiz com o sentido mercantil que o grupo impôs ao seu novo enunciado. Já em relação ao termo “escravos africanos” a maior parte dos grupos se preocupou em inverter o rótulo de “escravos” para a situação imposta em “escravizados” como exemplificados nas figuras 8 e 10. Semelhante intenção encontra-se nas mudanças do verbo “Vieram”. Nas figuras 7,8 e 9 observamos que as mudanças provocadas alteram um suposto sentido pacífico do tráfico negreiro, com as substituições “foi importada”, “foi escravizada” e “foi arrastada” respectivamente.

¹⁰ TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1982. P.19-45.

Por conseguinte, como desdobramento dessas intervenções citadas no momento de trabalhar esses conteúdos em sala de aula, pode ser considerado relevante à discussão sobre apropriação da linguagem eurocêntrica ou a viabilidade de suas substituições nos livros didáticos. Assim como, também debater sobre o lugar dos indivíduos na História, as identificações dos alunos e a dificuldade em reconhecer-se enquanto sujeitos históricos. Ou seja, uma sugestão sintetizada na seguinte reflexão de Bezerra:

Perceber a complexidade das relações sociais presentes no cotidiano e na organização social mais ampla implica indagar qual o lugar que o indivíduo ocupa na trama da História e como são construídas as identidades pessoais e as sociais, em dimensão temporal. O sujeito histórico, que se configura na inter-relação complexa, duradoura e contraditória entre as identidades sociais e as pessoais, é o verdadeiro construtor da História. Assim, é necessário acentuar que a trama da História não é o resultado apenas da ação de figuras de destaque, consagradas pelos interesses explicativos de grupos, mas sim a construção consciente/inconsciente, paulatina e imperceptível de todos os agentes sociais, individuais ou coletivos¹¹.

Exemplo III: Oficina realizada no encontro de educadores populares.

Essa oficina foi aplicada aos professores de História de alguns pré-vestibulares populares no encontro de educadores populares promovido pelo grupo +Nós. Como o público alvo era formado por adultos universitários e professores formados que costumam trabalhar com preparação para o ENEM, a ficha com os enunciados foi uma lista com os temas das últimas redações desse exame e a proposta da atividade foi adaptada da seguinte maneira:

¹¹ BEZERRA, Holien Gonçalves. Ensino de História: conteúdos e conceitos básicos. in: KARNAL ,Leandro (org.) **História na sala de aula : conceitos, práticas e propostas**. São Paulo : Contexto, 2013, p. 47.

Proposta:

- 1) Aplicar a caneta da reescrita nos temas das redações do Enem.
- 2) Criar títulos provocativos para cada tema.
- 3) Associar conteúdos e conceitos da História aos temas para debater com os alunos.

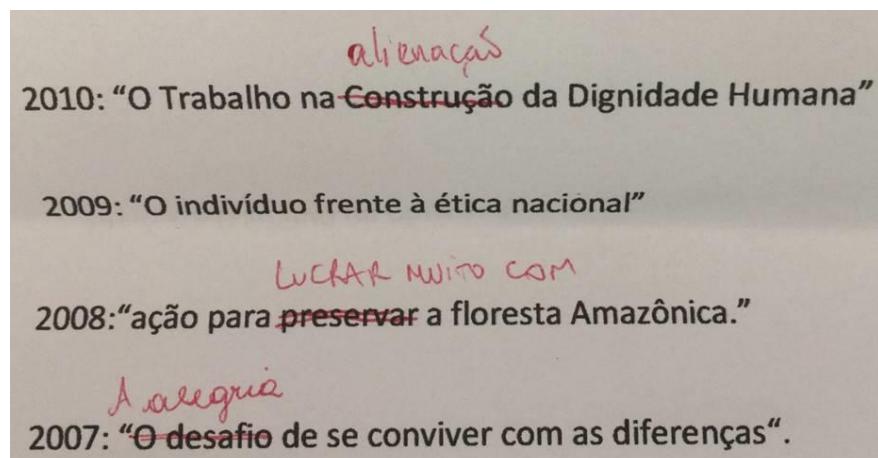


Figura 11: Exemplo de reescrita IX

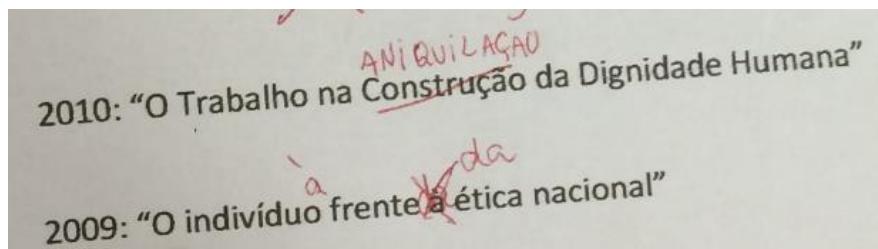


Figura 12: Exemplo de reescrita X

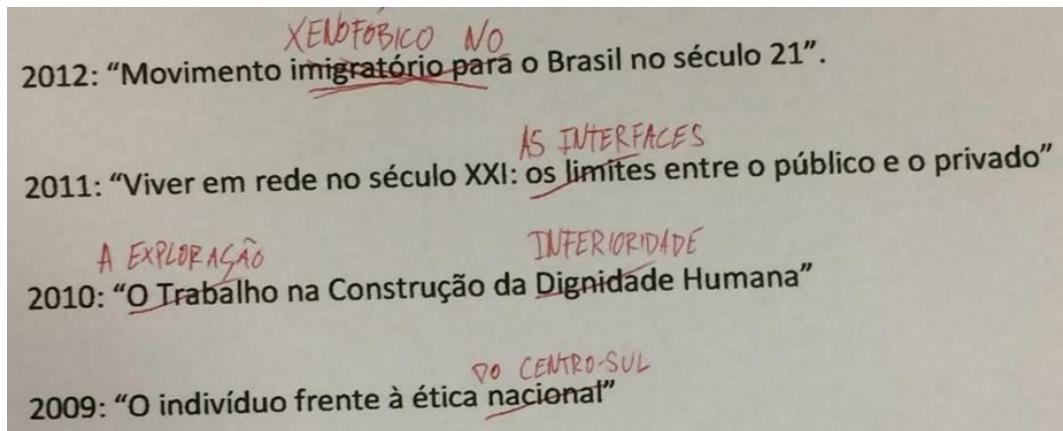


Figura 13: Exemplo de reescrita XI

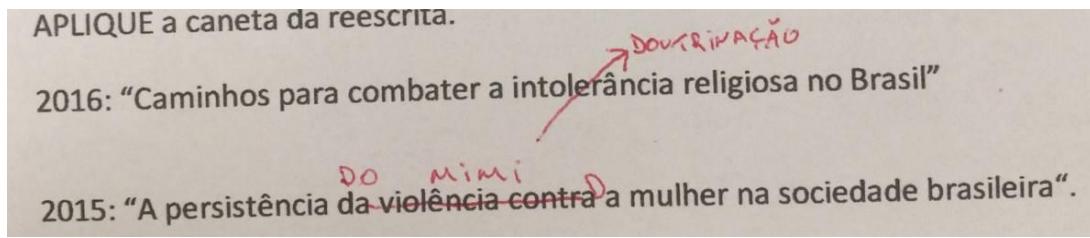


Figura 14: Exemplo de reescrita XII

Observações:

Conforme foi solicitado na proposta, os professores interventores foram provocativos. Tratando-se de temas que poderiam ser debatidos com os alunos nos cursinhos preparatórios para o ENEM, couberam tais provocações com o propósito de fomentar o debate. Sendo assim, na figura 11 podemos notar que o professor traz a discussão da função do trabalho na “alienação”, ao invés de “construção”, da dignidade humana. De semelhante maneira, a figura 12 apresenta a reflexão de um professor que também traz o sentido negativo do trabalho que, segundo ele, é responsável pela “aniquilação” da dignidade humana. A figura 13 também preferiu ressaltar o caráter negativo e “explorador” do trabalho.

Esse mesmo professor (figura 13) ampliou a possibilidade de discussão do tema da redação de 2009. “Ética” seria o tema principal, entretanto, com a intervenção emergiu a possibilidade de debater a hegemonia do “centro-sul” no cenário nacional.

O mais polêmico e provocativo dos professores foi aquele que realizou as intervenções apresentadas na figura 14. Trouxe à tona a questão da necessidade de combate a “doutrinação” religiosa, ao invés de “intolerância” religiosa. Além disso, provocou as mulheres ao colocar que existe um “mimi” da mulher e não “violência contra” as mesmas.

Enfim, mesmo não representando o real pensamento dos professores, tais intervenções são importantes para testar o consciente histórico dos alunos, trazê-los para uma posição participativa no debate e criar múltiplas possibilidades de associação com temas ligados ao conteúdo de História.

EXEMPLO DE UM PLANO DE AULA PARA APLICAÇÃO DA OFICINA DA CANETA DA REESCRITA

Disciplina: História

Público alvo: Qualquer ano do Ensino Fundamental II ao pré-vestibular.

Duração:

Duas horas/aula para três momentos: Exposição do tema e apresentação da atividade/material; Desenvolvimento da atividade em grupo e debate e socialização da atividade realizada.

Temas relacionados:

Introdução aos estudos históricos: As narrativas, linguagens e uso dos conceitos na reconstrução e apropriação da História;

Exemplo de Problemas motivadores:

Se a “História única” é uma invenção perigosa por ser contatada a partir do ponto de vista dos grupos vencedores e dominantes, de que forma poderíamos reapresentá-la, explicitando as mais variadas versões e interesses de grupos distintos? Como reescrever o índice do nosso livro didático, manipulando conceitos e verbos, de modo que explice outra versão ou protagonismo do fato histórico?

Objetivo Geral: Através de uma prática construtivista, introduzir o conteúdo a ser trabalho no curso de História, promovendo o ensino e debate de diversos conceitos e posicionamentos políticos marcantes nas disputas curriculares e, sobretudo, na construção da “História Oficial”.

Objetivos Específicos:

- Debater a consciência histórica dos alunos, a respeito dos conteúdos relacionados no índice do livro didático.
- Promover um ambiente de protagonismo dos alunos de modo que possam se compreender como sujeitos protagonistas da História.
- Introduzir os conceitos básicos que serão desenvolvidos no decorrer do bimestre/trimestre.

Procedimentos e Estratégias:

1. Apresentação do problema: O problema é apresentado aos alunos como desencadeador do processo de aprendizagem
2. Aula expositiva: O professor ministra uma breve apresentação do vídeo ou texto a “O perigo da História única” de Chimamanda Adichie; apresenta a atividade e, em seguida, repensa com os alunos a formação dos grupos.
3. Instrumentalização: O professor distribui aos grupos formados, um sumário contendo enunciados típicos do conteúdo que será ministrado no bimestre/trimestre e a caneta da reescrita (caneta vermelha).
4. Atividade em grupo: Os alunos debatem os termos e conceitos dos enunciados, pensando em outras formas possíveis de apresentá-los, alterando com a caneta vermelha o texto do sumário.
5. Socialização dos trabalhos e debate: Fase em que o professor recolhe as produções e socializa com a turma algumas alterações, explicando as ideias contidas nessas mudanças, seja na apresentação do novo sujeito do fato mencionado ou na valorização na ação de outra concepção do fato. Assim, o professor verifica a compreensão que os alunos tiveram dos conceitos e dos conteúdos trabalhados e contribui para o debate fazendo os seus comentários de forma dialógica e reflexiva. Sempre que possível, fundamentando os conceitos usados e questionando as fontes históricas que sustentariam cada versão apresentada.

Recursos Didáticos:

Projeção apresentando a Oficina com: trechos do discurso da Chiamamanda Adichie, “O perigo da História única”; Exemplos da atuação na mídia das canetas desmanipuladoras e deserqueridizadora e enunciados que serão trabalhados.

EXEMPLO DE MATERIAL DE APOIO PARA AULA EXPOSITIVA

1:

Existe uma única História?

É a "História Oficial" que apresenta os fatos e as histórias verdadeiras?

"É impossível falar sobre única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é "nkali". É um substantivo que livremente se traduz: "ser maior do que o outro". Como nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do "nkali". Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa."

Chimamanda Adichie

3:



4-

"a verdade histórica pode ser equiparada às nuvens, que somente ganham forma a distância dos olhos"

Wilhelm HUMBOLDT

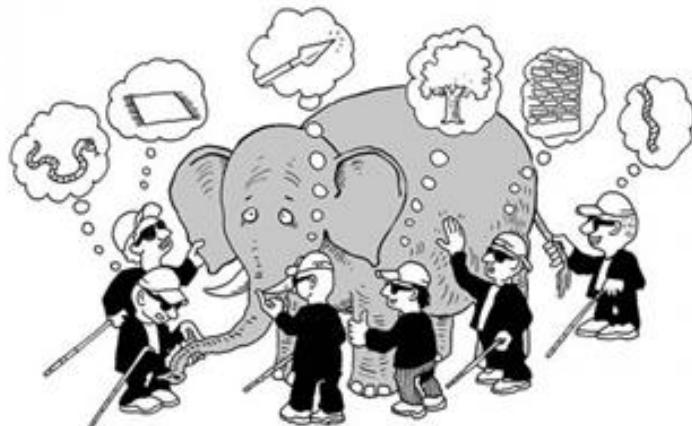


Illustration: Hana Melzer, molots.dk

5-

Caneta desmanipuladora

TENTA TRÁFICO DE INFLUÊNCIA
Temer libera verbas para garantir apoio à reforma da Previdência

O GLOBO 20 ANOS DIGITAL OPINIÃO

Editorial COMEÇO - Crise força o fim do injusto ensino superior gratuito PAGO

Os alunos de renda mais alta conseguem ocupar a maior parte das vagas nos estabelecimentos públicos, enquanto aos pobres restam as faculdades pagas

O presidente Michel Temer planeja solicitar a liberação de verbas para pagar emendas de deputados que se comprometeram a votar a favor da reforma da Previdência.

6-

Caneta Desquerdizadora



→ APENAS NÃO QUER
ilustríssima
Quem defende pauta do Escola sem Partido
pensa que tem filhos idiotas DE ESQUERDA
f g+ in SEUS
RICARDO LÍSIAIS
07/09/2016 12h00
Marlene Bergamo/Folhapress

SEJAM DOUTRINADOS POR PROFESSORES



7-

Caneta da Reescrita da História:

Está na sua mão!



© Can Stock Photo

- *Mude o ponto de vista!*
- *Altere o sujeito da frase!*
- *Troque palavras por sinônimos!*
- *Substitua os verbos!*